
Dossiê: Fascismos, 100 anos depois

<https://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.36658>

Propaganda fascista e tecnologias algorítmicas na conjuntura neoliberal

Fascist propaganda and algorithmic technologies in the neoliberal conjuncture

Propaganda fascista y tecnologías algorítmicas en el contexto neoliberal

*Felipe Lazzeri da Silveira**

<https://orcid.org/0000-0002-2738-6914>

*Augusto Jobim do Amaral***

<https://orcid.org/0000-0003-0874-0583>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo problematizar a disseminação da propaganda fascista, mais precisamente sua disseminação pelas “novas direitas” por meio das tecnologias algorítmicas, bem como sua relação com a intensificação do fascismo na conjuntura neoliberal, focalizando o caso brasileiro. Tal esforço foi procedido mediante revisão de bibliografia e documentos pertinentes ao tema, e os resultados da investigação estão estruturados nos três tópicos que compõe o escrito, nos quais são analisados, respectivamente, as características do fascismo nacional, a relação entre as “novas direitas” e a propaganda fascista, e a difusão desse tipo de informação através das tecnologias algorítmicas online.

Palavras-Chave: Fascismo. Neoliberalismo. Novas Direitas. Propaganda. Algoritmos.

Abstract: This article aims to discuss the dissemination of fascist propaganda, more precisely its dissemination by the “new far-rights” through algorithmic technologies, as well as its relationship with the intensification of fascism in the neoliberal context, focusing on the Brazilian case. This

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Doutor e Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: felipe_lsilveira@hotmail.com

** Professor dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Doutor em Altos Estudos Contemporâneos (Ciência Política, História das Ideias e Estudos Internacionais Comparativos) pela Universidade de Coimbra. Doutor, Mestre e Especialista em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: guto_jobim@hotmail.com

writing was carried out by reviewing the bibliography and documents pertinent to the topic, and the results of the investigation are structured in the three topics that make up the text, in which the characteristics of national fascism, the relationship between the "new rights" are analyzed, respectively. and fascist propaganda, and the dissemination of this type of information through online algorithmic technologies.

Keywords: Fascism. Neoliberalism. New Far-Rights. Propaganda. Algorithms.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir la difusión de la propaganda fascista, más precisamente su difusión por las "nuevas derechas" a través de tecnologías algorítmicas, así como su relación con la intensificación del fascismo en el contexto neoliberal, centrándose en el caso brasileño. Este esfuerzo se llevó a cabo mediante la revisión de la bibliografía y documentos pertinentes al tema, y los resultados de la investigación se estructuran en los tres temas que componen el texto, en los que se destacan las características del fascismo nacional, la relación entre las "nuevas derechas" Se analizan, respectivamente. la propaganda fascista y la difusión de este tipo de información a través de tecnologías algorítmicas online.

Palabras clave: Fascismo. Neoliberalismo. Nuevas derechas. Publicidad. Algoritmos.

Como citar este artigo:

Silveira, Felipe Lazzari da; Amaral, Augusto Jobim do. "Propaganda fascista e tecnologias algorítmicas na conjuntura neoliberal". *Locus: Revista de História*, 28, n.2 (2022): 282-301.

Introdução

Nacionalismo exacerbado, racismo, xenofobia, machismo, violência policial, ódio da política e dos que pensam diferente, negação da ciência e desprezo pelos princípios democráticos são traços expressivos do Brasil nesta segunda década do século XXI. Indubitavelmente, muitos deles sempre estiveram presentes. O que provoca inquietação neste momento são as formas radicalizadas e a nitidez com que eles se apresentam.

Para além das leituras que se reduzem a indicar um momento de simples polarização política, é urgente perceber que o cenário é mais complexo e grave, visto que lidamos com uma versão do fascismo. Conforme problematizaremos ao longo do escrito, o fascismo não se restringe ao seu formato histórico, isto é, aos regimes totalitários do início do século passado. Tal fenômeno, lembrando Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011; 2012), é uma forma de vida, um traço constitutivo das democracias liberais capitalistas, um desejo produzido socialmente através da exploração dos

afetos gerados pelos conflitos iminentes ao modo de vida que as caracterizam, e que pode se manifestar com menor ou maior intensidade, no último caso, ensejando reflexos no campo político-governamental.

O que existe de novo agora é que o desejo pelo fascismo vem sendo mobilizado e intensificado por um tipo de propaganda imensamente mais eficiente do que a utilizada na primeira metade do século XX. Atualmente, a propaganda fascista vem sendo disseminada via internet (Lazzarato 2019), através de tecnologias algorítmicas de processamento em *big data* que possibilitam não apenas o direcionamento de seu conteúdo ao seu público-alvo, mas, também, a modulação psicológica, recurso que superou a manipulação, técnica utilizada pelos velhos veículos de comunicação para produzir subjetividades (Cassino 2018).

Deve-se consignar que, desde seu início, antes mesmo da chegada do século XXI, a internet já abrigava *sites* que continham conteúdo fascista e nazista. O que há de diferente agora é que a evolução da rede e das tecnologias *online* (tecnologias que não são ideologicamente neutras) vem permitindo a difusão desse tipo de conteúdo em uma velocidade enorme e também a reunião e o engajamento de pessoas que têm em comum o apreço pelas ideias antidemocráticas (Donovan; Lewis; Friedberg 2019).

O caso brasileiro repercute uma tendência que vem se apresentando em diversas regiões do Ocidente (Da Empoli 2020). Resguardadas as peculiaridades de cada país, a dinâmica do avanço fascista é muito parecida: o capitalismo neoliberal produz graves problemas sociais, situações que geram sofrimentos, ressentimentos e descrédito na política, e, em seguida, surgem populistas alinhados à quimera fascista culpando a democracia e propondo soluções fáceis e pragmáticas a serem implementadas a qualquer custo (Brown 2019; Castells 2018; Hur 2019; Mounk 2019). No que tange ao objeto do presente artigo, cumpre destacar que todos eles são habilidosos em disseminar suas ideias na internet e afirmam o compromisso com as reformas neoliberais. Maurizio Lazzarato (2019, 04) tem razão quando afirma que “o novo fascismo é um ciberfascismo”.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo problematizar a propaganda fascista e o papel que ela desempenha na conjuntura atual, na fase mais frenética do neoliberalismo, esforço que será empreendido mediante a revisão bibliográfica interdisciplinar sobre o tema, e organizado em três tópicos, nos quais analisaremos, respectivamente, a recorrência do fascismo no contexto neoliberal, os aspectos estruturais e funcionais da propaganda fascista e, por fim, a sua utilização pelas novas direitas no contexto das tecnologias algorítmicas.

Traços do fascismo nacional: As “novas direitas” no Brasil e a propaganda fascista

O Brasil é um *locus* privilegiado para se observar a escalada fascista que vem corroendo muitas democracias. No campo político-governamental, diversas características remetem propriamente aos regimes fascistas do século passado.

Importante ponderar que, do mesmo modo como Benito Mussolini (*il Duce* do fascismo italiano) e outros líderes fascistas e populistas de extrema direita, Jair Messias Bolsonaro chegou ao poder pela via democrática, isto é, pelas eleições diretas. Mais de 57 milhões de brasileiros (aproximadamente 55% dos votos válidos) votaram no maior expoente da extrema direita brasileira, ainda que com escassa plataforma de governo. Em sua campanha, Bolsonaro investiu na disseminação do ódio contra seus adversários e minorias, a homenagear ditadores e a prometer restaurar o patriotismo e a fé cristã (Avritzer 2021).

Para compreender o fascismo em suas práticas atuais, primordial é perceber que o fenômeno não se restringe a uma dimensão histórica. Por mais que suas ideias-força tenham se consubstanciado com mais concretude e transparência na forma de um movimento de massas organizado, que acabou se tornando um regime político militarizado, marcado por liturgias e simbologias muito peculiares, em uma região e em um período histórico bem definidos (De Felice 2012; Mariátegui, 2010; Milza; Berstein 2009), não se deve descurar que o fascismo escapa dos limites impostos pelos marcos históricos.

O fascismo histórico foi e ainda é interpretado de diversas maneiras. Porém, as dissonâncias interpretativas devem ser encaradas com naturalidade, tendo em vista que, além das singularidades ideológicas que guiaram os trabalhos dos estudiosos, o fenômeno foi profundo e multifacetado, impossível de ser examinado em seu todo ou por uma única área do conhecimento. Não obstante, uma das mais importantes interpretações foi a desenvolvida por Wilhelm Reich, ainda na década de 1930, e que está eternizada na obra “Psicologia de Massas do Fascismo” (1974). Pelas lentes da psicanálise, ele descreveu o fascismo como um fenômeno psicológico muitíssimo complexo, produto do mal-estar causado pelas crises do capitalismo nas sociedades industrializadas. No seu entender, as massas não teriam sido ludibriadas, mas desejaram o fascismo por uma série de fatores, dentre eles, a grande habilidade de seus líderes em fabricar ilusões capazes de permitir a manipulação de seus sentimentos. Sobre a propaganda fascista, especificadamente, cabe lembrar a constatação de Reich, ao tratar do caso italiano, afirmando que os fascistas teriam logrado êxito em chegar ao poder por serem muito competentes em canalizar as angústias e os temores da população (Reich 1974). Nesse sentido, o processo de produção e cooptação de sentimentos foi empreendido através da difusão de uma grande quantidade de propaganda nos meios de comunicação disponíveis

naquela quadra histórica, por exemplo, cinema, rádios, jornais impressos, folhetins, panfletos etc. (Milza; Berstein 2009).

O trabalho de Reich é um marco importante, pois permitiu pensar o fascismo para além dos regimes políticos surgidos na Europa na primeira metade do século passado. Foi partindo da observação do psicanalista alemão, de que as massas teriam desejado o fascismo em determinado momento e em determinadas circunstâncias, que Deleuze e Guattari (2011) desenvolveram sua análise sobre o fascismo, trazendo a lume subsídios básicos para a compreensão do fenômeno, em especial na conjuntura atual. Os pensadores franceses também superaram as interpretações que reduziam o fascismo à condição de uma ideologia política autoritária imposta verticalmente em um determinado período. Todavia, diferentemente de Reich, que entendia o desejo pelo fascismo como sendo fruto de uma operação intrapsíquica negativa vinculada ao sadismo ou às inibições sexuais, eles afirmaram o caráter positivo desse desejo, indicando que ele é socialmente produzido.

Nessa perspectiva, o fascismo não é mero resultado de uma ideologia, da alienação ou das repressões intermediadas pela família, nos termos da tríade edipiana de Freud, mas produzido no plano psíquico por meio do agenciamento dos sofrimentos e ressentimentos ensejados pelo modo de vida que caracteriza as democracias capitalistas. Ao mesmo tempo em que se criam as subjetividades necessárias à produção e ao lucro, o capitalismo, em razão dos problemas e conflitos que lhe são inerentes, estimula inseguranças, medos e ressentimentos passíveis de serem agenciados e convertidos em desejo pelo fascismo (Deleuze; Guattari 2011, 46-47-141-142).

Deve-se esclarecer que, de acordo com a abordagem deleuze-guattariana, todas as sociedades e indivíduos são atravessados ao mesmo tempo por duas segmentaridades inter-relacionadas: uma molar, por característica binária, homogeneizante e marcada por referências mais rígidas, na qual figuram os objetos e os discursos que representam a realidade, e outra molecular, caracterizada pela flexibilidade e pela fluidez, que se refere ao plano dos sentimentos, do invisível, das intensidades, da produção dos desejos. E como “tudo é político”, essas segmentaridades são lastreadas pelo político em dois níveis que são inseparáveis, o macropolítico e o micropolítico. No primeiro, operam as políticas do aparelho de Estado, enquanto no segundo, dão-se as micropolíticas dos afetos. Segundo Deleuze e Guattari (2012, 99-100-101), é no nível micropolítico que serão moldadas as percepções e os comportamentos (atitudes, posturas, etc.) dos sujeitos, e nele que será produzido o desejo pelo fascismo. É por essa potência micropolítica-molecular que, conforme alertaram os pensadores, “é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e

coletivas”, e que o fascismo é tão perigoso. É também por causa dela que o fascismo sempre romperá os limites históricos (Deleuze; Guattari 2012, 102).

Em apertada síntese, deduz-se que, o plano macropolítico, que corresponde ao nível molar, refere-se à “política instituída e estratificada, ao Estado, partidos políticos e conjuntos sociais instituídos (...) à concepção tradicional de política com suas categorias estabelecidas”, enquanto o plano micropolítico, que corresponde ao nível molecular, diz respeito ao plano que abriga as relações de força que produzem as subjetividades, concepções de mundo, incluindo os agenciamentos e investimentos que produzem desejos, dentre eles o pelo fascismo, que poderá, obviamente, refletir no nível molar, mas também nas ações cotidianas, consumando-se, por exemplo, no racismo, na xenofobia, no machismo, no ódio aos pobres, etc. (Hur 2019, 41-42; 143-144).

A aproximação deleuze-guattariana (Evans; Reid 2013) foi precisamente resumida por Michel Foucault no prefácio da edição estadunidense de “O Anti-Édipo”, publicada em 1977. Tornando ainda mais cristalina a hipótese que o fascismo é um traço constitutivo do modo de vida que caracteriza as democracias capitalistas, Foucault sublinhou que o fascismo extrapola dos regimes autoritários do início do século XX, pois está no nível das condutas, dos espíritos, ou seja, da própria vida cotidiana, agindo como uma força “que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora” (1983, xi-xiv).

Sendo o fascismo efeitos de processos de subjetivação, dependendo de como será agenciado, sua intensidade poderá influenciar o plano macropolítico-molecular, refletindo no Estado e em suas instituições (HUR 2019, 147). Considerando, ademais, as particularidades dos constantes avanços no campo da comunicação e da informação, não se deve negligenciar o papel da propaganda nesta dinâmica.

O caso do Brasil é exemplar em demonstrar que a propaganda (agora disseminada via tecnologias algorítmicas) é um dispositivo elementar para a produção e a intensificação do fascismo. Se a performance fascista tem espaço no plano político-governamental, é porque uma grande parcela da sociedade passou a desejá-lo. Alertou Eliane Brum também a este respeito: “Jair Bolsonaro é a encarnação de um fenômeno muito maior do que ele, do qual ele sabe tirar o máximo de proveito” (2019, 262). Desdobramento que se tornou factível, obviamente, por força da conjuntura conturbada gerada pelo neoliberalismo, aliada à eficiência da propaganda fascista.

A perspectiva deleuze-guattariana auxilia a perceber não apenas que o fascismo não é um fenômeno circunscrito ao seu formato histórico, mas também a compreender o papel desempenhado pela propaganda nesse processo. Com ela, torna-se menos complicado entender,

por exemplo, uma das mais primorosas descrições do fascismo elaboradas até hoje, a do “*Ur-Fascismo*” (Fascismo Eterno) por Umberto Eco (2017), que igualmente desloca o fascismo dos limites temporais para defini-lo como um elemento presente em todas as sociedades, cuja emergência dependeria da presença de algumas características que lhes são típicas.

A analítica de Eco é crucial por sua precisão em delinear as características do fascismo e demonstrar que ele não foi obliterado pelas democracias do pós-Segunda Guerra, e que nem poderia ter sido. Segundo o filósofo, tais características girariam a partir, em geral, do culto da tradição, a recusa da modernidade, o culto da ação pela ação, a não aceitação do dissenso e dos que têm posições políticas e visões de mundo diferentes, o racismo, o apelo às frustrações das classes médias, a preocupação paranóica com supostos complôs, o nacionalismo xenófobo, a ideia de que a vida é uma guerra permanente, o elitismo, o machismo, o populismo, e a utilização da “novílingua”. Na concepção de Eco (2017, 32 e ss.), a presença de qualquer uma delas bastaria para abrolhar o que denominou de “nebulosa fascista”. Inegavelmente, os sinais detalhados por Eco estão muito presentes na conjuntura atual, expressas sem muita margem de erro pelas ditas “novas direitas” (Solano 2018). Portanto, importa identificar o principal instrumento utilizado por elas para sua multiplicação.

Partindo da premissa de que a propaganda exerceu uma função central na formação das subjetividades que guiaram as sociedades ocidentais desde o início do último século (Chomsky 2013; Ellul 1973; Lipovetsky 2009, 2015; Marcuse 2015), inclusive durante o fascismo histórico, cujos líderes foram competentes em utilizá-la para disseminar suas ideias, mentiras e manter a coesão entre seus apoiadores (Blinkhorn 2009; Finchelstein 2020; Salvemini 2018; Stanley 2018; Zunino 2013), a questão nuclear a ser tratada neste ponto é o papel desempenhado pela propaganda fascista como fábrica desejante e modo de agenciamento das massas. Tal esforço exprimirá a prática da propaganda fascista e fornecerá recursos importantes para que, no momento seguinte do trabalho, possamos analisar tais organizações no contexto da internet.

Por conseguinte, é fundamental retomar os estudos de Theodor W. Adorno (2015a; 2015b; 2019) sobre a personalidade autoritária e a propaganda fascista. Na obra “Estudos sobre a personalidade autoritária”, o professor alemão apresentou dados da pesquisa que desenvolveu nos Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1950, aplicando questionários e realizando entrevistas a partir das técnicas da psicologia clínica freudiana, com o propósito de identificar angústias, desejos e projeções de cunho ideológico provocadas pela totalidade social, e aferir aquilo que ele nomeou de potencialidade fascista, ou seja, a suscetibilidade de determinadas pessoas à propaganda fascista (Costa 2019).

Com base nas respostas obtidas, Adorno concluiu que alguns indivíduos apresentavam uma estrutura psicológica baseada em convicções políticas, econômicas e sociais que formavam um padrão de pensamento amplo e coerente, “como se fundidas por uma mentalidade ou por um espírito”, que os tornavam suscetíveis à propaganda antidemocrática (2019, 71 e ss.). Seu trabalho também possibilitou identificar algumas variáveis daquele tipo de personalidade, tais como: a adesão aos valores centrais da classe média, a submissão acrítica ao autoritarismo, a tendência a agredir e rejeitar pessoas que pensassem diferente, a superstição, a extrema preocupação com a dimensão hierárquica de dominação-submissão, a hostilidade generalizada, o desprezo pelo humano, a projetividade apoiada em teorias da conspiração e a preocupação exagerada com as questões sexuais. Nota-se, mesmo em um exame inicial, que as variáveis descritas por Adorno aproximam-se em grande medida às características do *Ur-Fascismo* elencadas por Eco, não deixando de percebê-lo como é produzido através da exploração dos afetos e sua organização libidinal.

Os estudos de Adorno sobre a propaganda fascista são igualmente cruciais, pois evidenciam elementos importantes de seu funcionamento, detalhes que desvelam os “princípios ativos” desse tipo de propaganda. De acordo com eles, diferentemente da propaganda direcionada ao consumo, que sempre teve como objetivo influenciar os indivíduos a comprar determinados produtos ou a adotar determinados comportamentos, a propaganda fascista não tem como finalidade convencer as pessoas a se tornar fascistas, mas sim criar e/ou reforçar o vínculo entre o agitador fascista e as pessoas que compartilham previamente de ideias antidemocráticas ou têm propensão a simpatizar com elas. Nesse sentido, a propaganda fascista é exitosa em influenciar a psicologia dos indivíduos potencialmente fascistas, justamente porque opera fazendo com que eles confirmem suas concepções de mundo e sintam um enorme prazer com isso (Adorno 2015a, 144-145; 152).

Adorno (2015a, 140) revelou aspectos importantes sobre o modo como a propaganda fascista incide sobre a psicologia dos indivíduos, explicando que ela opera estimulando e manipulando mediante a emissão de mensagens reacionárias que objetivam falsificar a realidade e que glorificam a substituição dos fins pelos meios, a ação pela ação, sempre com uma linguagem não objetiva que faz com que a propaganda pareça personalizada, especificidades que facilitam ainda mais a identificação dos indivíduos potencialmente fascistas com os agitadores. Também advertiu que esse processo de manipulação – que com o advento das tecnologias algorítmicas foi substituído por um processo de modulação – não configura nenhuma espécie de hipnose e que tampouco é irracional, visto que, apesar das distorções, a propaganda fascista é sempre planejada, organizada e assimilada de forma consciente.

Outro artifício utilizado na propaganda fascista que será fundamental para estabelecer o vínculo com os receptores de sua mensagem e para mobilizar seus afetos é a famosa e debatida figura do “pequeno grande homem”. Do ponto de vista de Adorno (2015b, 169-172), tal protótipo não passa de uma gigantesca farsa produzida que permite aos fascismos vislumbrarem seus líderes como homens comuns, como mais um entre todos do povo e, ao mesmo tempo, como alguém predestinado. Detalhando esse processo de identificação, inferia que “a imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade”.

Nada difícil visualizar o papel desempenhado pelo mito do “pequeno grande homem” no atual contexto brasileiro, já que, como acertadamente vez mais assinalou Brum, Bolsonaro acabou sendo reconhecido por seus seguidores como um igual, como mais um brasileiro supostamente refém do politicamente correto, vítima dos direitos das minorias e das mulheres, impedido de exercer o direito à liberdade de expressão que, sob esse prisma, autorizaria manifestações de cunho racista, machistas ou LGBTQIA+fóbicas (Brum 2019, 228 e ss.).

Outro diagnóstico adicional trazido por Adorno, que auxilia a compreender a performance da propaganda fascista na atualidade, é aquele relativo à diferença entre o líder fascista e seus seguidores. Trata-se de um elemento particularmente importante, pois aponta que, à diferença das pessoas que refletem a sua personalidade, o líder fascista normalmente têm uma melhor capacidade de exprimir seu fascismo sem inibições e muita habilidade em dissimular. Já naquela época, foi identificado que, para muitos, ser agitador fascista havia se tornado uma profissão (2015b, 181-182). Mesmo tendo sido feita há sete décadas, tal afirmação não deixa de ser confirmada pelo caso brasileiro, pois, como apontou Rosa (2019), muitos dos agitadores (blogueiros, *youtubers*, etc.) que fizeram fama a partir do episódio do impeachment de Dilma Rousseff tornaram-se propagandistas profissionais.

Para entender a persistência fascista e o papel da propaganda nessa dinâmica, outro dado medular a ser sopesado é o fato de que, após a Segunda Guerra Mundial, os axiomas fascistas seguiram sendo revisados, atualizados e disseminados em diversos países, ainda que no interior de novos partidos políticos ou organizações de pouca expressão que abdicaram do termo “fascismo” e das antigas simbologias (Vercelli 2018). No Brasil, mesmo que de um modo mais tardio, verificou-se um processo semelhante. Os partidos de extrema direita e grupos simpatizantes do autoritarismo de Estado, que passaram décadas sobrevivendo no ostracismo tentando revisar a história do passado ditatorial, acabaram ganhando força no amanhecer do século XXI, após terem readequado seus discursos e passado a defender ideias neoliberais (Casimiro 2018, 457 e ss.).

Em síntese, é precipitado afirmar que as novas direitas fascistóides surgiram com Donald Trump, Matteo Salvini ou Jair Bolsonaro. Em que pese o ineditismo de algumas táticas, como o uso das tecnologias algorítmicas, esses nomes representam mais uma expressão que há muito tempo vinha sendo propagada por movimentos bastante heterogêneos e sincréticos que, na verdade, encarregaram-se de reciclar o fascismo desde novos incrementos. De acordo com a historiografia sobre o tema, nesse percurso histórico, a propaganda foi um recurso fundamental para que as novas direitas se popularizassem (Angella 2000; Casadio 2013).

Relevante observar que os tons das propagandas utilizadas pelas novas direitas ao longo do tempo nunca deixaram de ter certa semelhança. As teorias da conspiração e as notícias falsas destinadas a adulterar a realidade – que hoje circulam nas redes sociais ou aplicativos de comunicação *online* – são estratégias que antecedem a internet. A grande novidade na conjuntura atual é que a propaganda fascista, que segue embebida de ideias nacionalistas, xenófobas, racistas, machistas, todas elas repaginadas, vem sendo difundida em uma escala gigantesca e tendo o seu potencial de criar vínculos e coesão entre seu público exacerbado pelas tecnologias que operam através de modulação psicológica (Ambrós Garcia 2018; Barbosa 2019; Dal Lago 2017; Pinheiro-Machado; Freixo 2019).

Constata-se, então, que a propaganda fascista é eficiente por se destinar primordialmente às pessoas que compartilham previamente de ideias antidemocráticas e também devido aos artifícios que utiliza. Sendo assim, considerando que a conjuntura atual é pródiga em gerar sofrimentos que servem de matéria prima para a produção dos desejos antidemocráticos e fascistas, e que as novas tecnologias da informação-comunicação *online* maximizaram o poder de influência da propaganda, convém analisar o funcionamento e o papel desempenhado pela propaganda fascista neste momento em que a democracia é fortemente atacada sob o patrocínio das novas direitas.

A propaganda fascista no contexto das tecnologias algorítmicas

O cenário que se monta nesta segunda década do século XXI evidencia os efeitos das opções feitas nos campos político, econômico e social ao longo, ao menos, dos últimos quarenta anos. A consolidação da racionalidade neoliberal culminou na naturalização das desigualdades sociais e num modo de vida egoísta e alienado dos problemas por ela produzidos. Os resultados da transformação do Estado, como facilitador do mercado, e da farsa da meritocracia, que produziram a supressão de direitos e a concentração dos lucros nas mãos de uma minoria (Harvey

2018, 93), não poderiam gerar outros desdobramentos senão a insatisfação com a política democrática e a intensificação dos sofrimentos, ressentimentos e do ódio.

Paralelamente, a popularização da internet e dos dispositivos tecnológicos que permitem o fluxo constante de informações, utilizados pela racionalidade neoliberal tanto no plano político-econômico quanto em todos os âmbitos da vida (Dardot; Laval 2016), deram ensejo a uma realidade marcada pela circulação acelerada destas relações. Não se deve olvidar que a evolução das tecnologias *online* modificou radicalmente o campo da comunicação e, com isso, as relações sociais. Conforme enfatizou Franco “Bifo” Berardi (2019, 16-17; 97), o uso constante dos novos dispositivos digitais conectados à internet afetou as esferas biológica, cognitiva e psíquica dos indivíduos ao ponto de fazê-los interiorizarem uma espécie de “máquina bioinformática”. Na visão do pensador italiano, as novas tecnologias de internet permitiram a colonização das mentes, viabilizando a interferência direta sobre as possibilidades de ação e de escolha, acentuando sofrimentos e bloqueando qualquer tipo de resistência ao domínio do capitalismo neoliberal (Berardi 2019, 58-59; 87; 130).

Imprescindível observar que a realidade intoxicante imposta pela aceleração da informação acirrou ainda mais os medos, inseguranças e ressentimentos que servem de matéria prima para o fascismo, e que, a partir de determinado momento, as novas tecnologias deixaram de ser manejadas somente para forjar subjetividades e desejos necessários ao aumento da produção e do consumo, ou para fins de controle estatal, para tornarem-se instrumentos de exploração dos afetos gerados pelas dissonâncias do modo de vida neoliberal para fins políticos.

Paralelamente à problematização da propaganda fascista no contexto das novas tecnologias digitais, é fundamental grifar que não existe incompatibilidade entre neoliberalismo e autoritarismo (Chamayou 2020; Klein 2008). Essa constatação permite-nos entender que não há nada de ilógico no fato de que, hoje, as novas direitas, correntes que trazem consigo o legado fascista, tenham se encarregado de cumprir os desígnios neoliberais. Propor o fortalecimento do nacionalismo como forma de resolver os problemas causados pela globalização, propagar o velho discurso anticomunista para gerar pânico e utilizá-lo para atacar adversários políticos, incentivar a xenofobia, o racismo, o machismo e a violência contra os que pensam diferente em nome da suposta salvação do que entendem ser a velha e a boa ordem moral (como se quisessem retornar a um passado glorioso e harmônico que nunca existiu – um típico sintoma do fascismo!), são posturas que não conflitam com os preceitos neoliberais.

A expectativa de que a internet proporcionaria a igualdade de acesso à informação e contribuiria para o fortalecimento da democracia jamais se concretizou (Loveluck 2018, 102-103;

151; 170). Além disso, o ciberespaço restou monopolizado pelas grandes empresas de tecnologia do Vale do Silício, conglomerados que pouco se importaram com essa questão ou com os jogos sujos nas suas plataformas (Morozov 2018, 15-21). Não há coincidência no fato dessas empresas exercerem o controle das plataformas mais utilizadas, sejam elas redes sociais, sites de busca, etc (Morozov, 43 e ss.).

O desenvolvimento das tecnologias algorítmicas de processamento em *big data* permitiram que esses dispositivos passassem a ser constantemente aprimorados, não somente para se tornarem mais funcionais e atrativos, mas também para captar dados e rastros das interações de seus usuários e interpretá-los com precisão, de modo a permitir o conhecimento sobre suas particularidades e o direcionamento de conteúdo de acordo com suas preferências. Inicialmente, essas tecnologias eram utilizadas para prender a atenção do usuário-consumidor, fazendo-o permanecer conectado por mais tempo, gerando os dados necessários para a composição de seu perfil que, posteriormente, seria comercializado aos “anunciantes” interessados em exibir e vender seus produtos (Mayer-Schonberger; Cukier 2013).

De acordo com Viktor Mayer-Schonberger e Kenneth Cukier (2013, n.p.), essas tecnologias alteraram o modo como entendemos e organizamos a sociedade, já que romperam com o prisma estatístico, possibilitando a análise de dados mais complexos, em grandes volumes e de forma bastante precisa e rápida, permitindo, inclusive, a identificação de padrões nas variações de comportamento do usuário na rede. Com base nos dados fornecidos espontaneamente e nos rastros deixados pelos usuários em suas interações nos sites de buscas, redes sociais e aplicativos (“informações que são mais abandonadas do que cedidas”, por exemplo, *likes*, avaliações, comentários, acessos, tempo de visualização de um vídeo ou imagem etc.), os algoritmos, que quanto mais utilizados mais se aprimoram, alcançam um exato conhecimento e previsões sobre preferências, intenções e propensões para um imediato direcionamento de conteúdo modulatório (Rouvroy; Berns 2015, 41-42)

Mas o sucesso das mensagens mediadas pelas tecnologias algorítmicas não tem seu êxito assegurado tão somente por permitirem o direcionamento de informações para pessoas dispostas a assimilá-las. Elas ostentam um imenso potencial em cumprir seus objetivos, sobretudo por atuarem mediante a modulação psicológica dos usuários, processo que é bem diferente da velha manipulação empreendida pelos antigos veículos de informação, conforme analisou Adorno. A modulação opera pelo enquadramento emocional, por inúmeros artifícios que instigam o usuário a participar ativamente desse processo. As arquiteturas das redes sociais e dos aplicativos são desenvolvidas para oferecerem inúmeras possibilidades de interação. Enquanto a velha

manipulação midiática atuava mascarando a realidade para todos, isto é, supervalorizando alguns fatos ou versões em detrimento de outros, a modulação algorítmica atinge os indivíduos em suas singularidades. Reside aí seu imenso potencial (Cassino 2018, 15-25) de radicalizar o poderio da propaganda fascista.

Na prática, a dinâmica das redes sociais facilita a coordenação das ações coletivas porque possibilita a difusão de mensagens de modo capilarizado e orientado, e, com isso, pode desencadear uma “cascata de informações” que atinge um elevado número de pessoas rapidamente. Inegavelmente, a internet imprime mais velocidade nas ações coletivas do que quaisquer outras formas de organização off-line. É por isso que plataformas como o Facebook e o Twitter têm desempenhado um papel essencial na organização de muitos protestos políticos ocorridos ao redor do mundo. Há de se destacar que as ações coletivas de massa gestadas nas redes, assim como as próprias redes, dificilmente são compostas por estruturas horizontais, pois, do contrário, são organizadas de modo centralizado, metodologia que maximiza a potencialidade de disseminação das informações com eficiência (Santini et al. 2015).

Importante sublinhar que as tecnologias algorítmicas também viabilizam o deslocamento dos usuários para “bolhas” que, na verdade, não são simplesmente espaços virtuais que reúnem pessoas que compartilham das mesmas preferências, mas “amostras, filtradas e organizadas” (Silveira 2018, 38-39). Essas “bolhas” facilitam sobremaneira o processo de modulação porque permitem o direcionamento de propaganda para grupos de pessoas que têm predisposição a assimilá-las e também proporcionam inúmeros espaços e possibilidades de interação. Nessa dinâmica, elas estimulam a sensação de que toda aquela interatividade é espontânea, de que todos estão exercendo suas individualidades e liberdades, mesmo que, paradoxalmente, trate-se de um ambiente restrito controlado pelos algoritmos (Machado 2018, 58). No que tange à propaganda fascista, há de se considerar que essas “bolhas” são propícias para que os sujeitos confirmem suas concepções e sintam grande prazer com isso, a ponto de permanecerem conectados por mais tempo, interagindo e disseminando conteúdos produzidos pelos agitadores.

De acordo com inúmeras análises, o pioneiro na utilização das tecnologias algorítmicas para tal finalidade foi o estrategista político Steve Bannon. Lançando mão da estrutura da *Cambridge Analytica*, na época umas das maiores empresas de comunicação estratégica baseada em *data mining*, e contando com o auxílio de agitadores fascistas até então pouco conhecidos no mundo virtual, ele alavancou a disseminação de uma exorbitante quantidade de teorias da conspiração e *fake news*. Direcionando o conteúdo em formato de texto, vídeo e memes aos simpatizantes de ideias antidemocráticas e aos descontentes com as condições do panorama neoliberal, convidando-os,

ainda, a interagir e participar ativamente de sua empreitada, Bannon conseguiu criar um cenário propício para a radicalização de sentimentos nacionalistas, antiglobalistas, xenófobos, racistas, machistas, anticomunistas, e dos discursos de ódio (Da Empoli 2020, 28 e ss.).

Depois de criar o seu “movimento”, Bannon vendeu sua expertise para as novas direitas, correntes com as quais sempre se identificou e que tinham o maior interesse pela “nebulosa fascista”. Do ponto de vista estratégico, a vitória de Trump nas eleições norte-americanas de 2016 foi, sem dúvida, um grande êxito de Bannon. Cogita-se que o estrategista também tenha se aventurado em outros países, prestando auxílio a outros políticos de extrema direita, dentre eles, Bolsonaro (Da Empoli 2020, 28 e ss.).

A essa altura do trabalho, essencial ressaltar o caráter fascista das novíssimas formas de propaganda. Como vimos, o fascismo não existe apenas no interior de regimes políticos de pretensões totalitárias, pois trata-se de um elemento próprio à democracia liberal capitalista. Se o que presenciamos na conjuntura atual é a intensificação dos nacionalismos, dos discursos antiglobalista, anticomunista, xenófobo, racista, machista, uma verdadeira consagração da política divisionista e bélica do “nós” e (contra) “eles” (Stanley 2018, 15; 178), apesar da maquiagem conferida pela falsa ideia de que vivemos apenas um momento de polarização política, é de fascismo que se trata.

Em que pesem as peculiaridades regionais, o caso do Brasil é representativo nesse sentido. Os históricos problemas políticos, sociais e econômicos agravados pela implementação do projeto neoliberal na década de 1990 (Saad Filho; Morais 2018, 95 e ss.), processo também não interrompido nem mesmo pelos governos ditos de esquerda (Lazzarato 2019, 27 e ss.) contribuíram sobremaneira para a instauração de um ambiente propício para o avanço do fascismo. Diante do fracasso das forças progressistas em perceber o que se passava nas Jornadas de Junho de 2013, todo aquele caldo de insatisfação e de demandas anti-institucionais foi muito bem capturado de modo regressivo por práticas tipicamente fascistas (Mendes 2018; Cava; Pereira 2016).

É inegável que a internet, por suas características, viabilizou espaços mais amplos ao fascismo. Com efeito, as plataformas em rede, onde milhões de usuários passam boa parte do tempo socializando e buscando informações, permitiu que o fascismo se disseminasse muito rapidamente. A diferença do passado para hoje é que não temos partidos autodeclarados fascistas buscando cooptar apoiadores para suas políticas autoritárias, mas um tipo de fascismo que se intensifica pelas culturas digitais de ódio, e que, logicamente, são manipulados e ecoam no campo político governamental. O problema se agrava porque existe uma tendência nos debates públicos de despolitizar os problemas dessa política fascista, como se fosse apenas uma simples polarização.

Enquanto medidas não são tomadas, e a internet segue sendo um espaço livre para a ascensão fascista, a democracia liberal vai sendo minada (Fielitz; MArcks 2019).

Os sintomas do fascismo ainda restam bastante explícitos na internet. Já se sabe hoje que as teorias da conspiração e as *fake news* fabricadas pelos gurus da nova extrema direita e por influenciadores digitais foram impulsionados em larga escala nas redes sociais e nos grupos de aplicativo de comunicação instantânea criados para esse fim. Foi lançando mão das tecnologias algorítmicas que a nova extrema direita brasileira identificou seu “público-alvo” e disseminou sua propaganda para fomentar o desejo de fascismo que acabou se materializando nas urnas (Rosa 2019).

Há de se destacar que a propaganda bolsonarista nas redes não se deu exatamente pela metodologia de Bannon, pois, mesmo online, mostrou-se bastante orgânica, lançando mão de dispositivos como o WhatsApp e Instagram. Em geral, a extrema direita fez bastante uso dos *bots*, isto é, de robôs que se inserem nas estratégias de propaganda *online* combinando algoritmos, automação e controle humano para influenciar a opinião dos usuários. Vale registrar que essas estratégias já haviam sido utilizadas no Brasil nas eleições de 2010 e 2016. Na verdade, elas foram viabilizadas pelas mudanças na legislação eleitoral operadas em 2015, quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proibiu doações de empresas e instituições para campanhas, e em 2017, quando o Congresso Nacional autorizou partidos políticos e candidatos a promoverem conteúdos pagos nas redes (Santini et al. 2021). O que se verificou de novo em 2018, sobretudo na campanha bolsonarista, foram o aumento da velocidade na circulação das informações (graças aos avanços tecnológicos, novos apps, etc.) e o teor fascistóide dos conteúdos difundidos.

Os relatos e a investigação jornalística de Patrícia Campos Mello ajudam a perceber os processos de modulação empreendidos via tecnologia algorítmica em favor do fascismo. A profissional sentiu na pele a violência das milícias digitais após assinar uma reportagem denunciando os supostos crimes eleitorais praticados pela campanha eleitoral de Bolsonaro, como o impulsionamento de conteúdo em redes sociais e os disparos de mensagem em massa em grupos de *WhatsApp* e *Telegram* financiados por empresários e sem a devida prestação de contas perante a Justiça Eleitoral. Em seu livro, ela expõe o funcionamento da rede de propaganda que ajudou Bolsonaro a vencer o pleito eleitoral, a qual operou (e segue operando) primordialmente pela internet, utilizando as tecnologias algorítmicas para amplificar a desinformação e o ódio visando dar sustento ao atual governo (Mello 2020).

Esses artifícios destinados a falsificar a realidade têm uma fulcral importância na dinâmica da propaganda fascista porque incitam sua difusão. São poderosos mecanismos de fortalecimento do medo, elemento que serve para garantir a coesão em qualquer regime, sobretudo nos

autoritários. É preciso recordar que, historicamente, os fascistas destacaram-se como especialistas na distorção da realidade, na propagação de mentiras e na construção de suas próprias verdades (Finchelstein 2020). Conforme demonstra o exemplo brasileiro, as teorias da conspiração e as *fake news* – seja entorno da existência de uma “ameaça comunista”, seja sobre o vínculo das esquerdas com organizações terroristas ou com tentativas de influenciar a orientação sexual das crianças (“kit gay”) – vem contribuindo para a modulação dos afetos de grande parte da população brasileira.

Diante disso, parece-nos que o fluxo da propaganda fascista, disseminada através das tecnologias algorítmicas *online*, confirma praticamente as conclusões de Adorno no sentido de que algumas pessoas, por suas estruturas psicológicas, são suscetíveis a propaganda fascista, e de que esse tipo de propaganda, pelo potencial que ostenta (que foi claramente maximizado pelas referidas tecnologias), é agudamente eficiente em criar fortes laços de coesão em torno das ideias nela contidas e, por isso, desempenha um papel medular para a intensificação do fascismo.

Considerações Finais

A partir dos argumentos trazidos, deve-se ter claro que o fascismo não se restringe aos regimes políticos de pretensões totalitárias que surgiram na primeira metade do século passado, na medida em que é um elemento constitutivo do modo de vida que caracteriza as democracias liberais capitalistas. Com efeito, trata-se de uma amálgama de desejos – que se traduz em formas de vida – produzida mediante o agenciamento dos afetos imanentes ao tipo de existência consagrado, sobretudo, após a Segunda Revolução Industrial. Atado aos preconceitos, ao racismo e aos autoritarismos que forjaram as sociedades ocidentais, as frustrações da vida cotidiana capitalista servem como combustível para o ódio que lastreia as manifestações do fascismo que, dependendo de suas formas, podem influenciar o plano político-governamental e as políticas de Estado.

Infere-se, ainda, que a propaganda é um mecanismo fundamental no processo de produção do desejo pelo fascismo, visto que é por meio dela que os sofrimentos e ressentimentos são instrumentalizados. Conforme expusemos, a propaganda é um dispositivo medular do capitalismo, pois viabiliza a criação das subjetividades necessárias ao seu desenvolvimento e estabilidade. A propaganda produz desejos e comportamentos que fomentam a produção e o consumo. No caso do fascismo em particular, constata-se que ela também cumpre o papel de forjar subjetividades em torno de determinados objetivos, como fortalecer as ideias antidemocráticas e criar laços entre seu público e os agitadores. No entanto, a propaganda fascista torna-se quase infalível pelo fato de ser direcionada ao público que compartilha previamente do ideário nela contido. Em síntese, a

propaganda fascista não visa a convencer democratas a se tornarem fascistas, mas agencia os afetos de sujeitos suscetíveis a ela para fomentar e intensificar o desejo pelo fascismo.

Por derradeiro, tem-se que, na conjuntura neoliberal, pelos problemas que lhe são imanentes, há a proliferação dos sofrimentos e ressentimentos que servem de base para o desejo pelo fascismo. Portanto, diante da evolução tecnológica que marca o contexto contemporâneo, sobretudo pelo advento das tecnologias algorítmicas *online*, a propaganda fascista teve seu potencial maximizado e, assim, vem desempenhando um papel fundamental na escalada fascista que ameaça as democracias liberais em diversos países ocidentais, dentre eles o Brasil, onde seus sinais e horrores são testemunhados em nosso cotidiano.

Referências bibliográficas

- Adorno, Theodor. Antissemitismo e propaganda fascista. In: Adorno, Theodor. *Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015a.
- Adorno, Theodor. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: Adorno, Theodor. *Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015b.
- Adorno, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Traduzido por Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lopes Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- Ambrós Garcia, Marc. *Fake News: La verdad de las noticias falsas*. Barcelona: Plataforma Actual, 2018.
- Angella, Michele. *La nuova destra. Oltre il neofascismo fino alle “nuove sintesi”*. Firenze: Edizioni Fersu, 2000.
- Avritzer, Leonardo. *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- Barbosa, Mariana. *Pós-Verdade e Fake News. Reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- Berardi, Franco “Bifo”. *Depois do futuro*. Traduzido por Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- Blinkhorn, Martin. *Mussolini e a Itália Fascista*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- Brown, Wendy. *Nas Ruínas do Neoliberalismo: a Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente*. Tradução de Mário Antunes Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Politéia, 2019.
- Brum, Eliane. *Brasil: Construtor de ruínas. Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.
- Casadio, Massimiliano Capra. *Storia della Nuova Destra. La rivoluzione metapolítica della Francia All'Italia (1974-2000)*. Bologna: Clueb, 2013.
- Casimiro, Flávio Henrique Calheiros. *A Nova Direita. Aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
-

Cassino, João Francisco. Modulação deleuzeana: Modulação algorítmica e manipulação midiática. In: Souza, Joyce; Avelino, Rodolfo; Silveira, Sérgio Amadeu da. *A sociedade do controle*. Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018.

Castells, Manuel. *Ruptura*. A crise da democracia liberal. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

Cava, Bruno; Pereira, Marcio. *A Terra Treme. Leituras do Brasil de 2013 a 2016*. São Paulo: Anablume, 2016.

Chamayou, Grégoire. *A sociedade ingovernável*: Uma genealogia do liberalismo autoritário. Tradução por Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Chomsky, Noam. *Mídia*. Propaganda política e manipulação. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Costa, Virginia Helena Ferreira da Costa. “*A Personalidade Autoritária*”: *Antropologia Crítica e Psicanálise*. 2019. 329f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Da Empoli, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2020.

Dal Lago, Alessandro. *Populismo digitale*. La crisi, la rete e la nuova destra. Milano: Cortina Raffaello, 2017.

Dardot, Pierre; Laval, Christian. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

De Felice, Renzo. *Le interpretazioni del Fascismo*. 10. ed. Bari: Laterza, 2012.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3. 2. Ed. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia 1. 2. Ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

Donovan, Joan; Lewis, Becca; Friedberg, Brian: Parallel Ports: Sociotechnical Change from the Alt-Right to Alt-Tech. In: Maik Fielitz, Nick Thurston (Hg.): *Post-Digital Cultures of the Far Right: Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US*. Bielefeld: transcript 2019, S. 49–65. DOI: <https://doi.org/10.25969/mediarep/12374>.

Eco, Umberto. *Il Fascismo eterno*. Milano: La nave di Teseo. 2017.

Ellul, Jacques. *Propaganda*. The formation of Men's Attitudes. Translated by Konrad Kellen e Jean Lerner. New York: Vintage Books, 1973.

Evans, Brad; Reid, Julian (Eds.). *Deleuze & Fascism: Security: war: aesthetics*. New York: Routledge, 2013.

Fielitz, Maik; Marcks, Holger. Digital Fascism: Challenges for the Open Society in *Times of Social Media*. Berkeley Center for Right-Wing Studies Working Paper Series, 1.6. 2019.

Finchelstein, Federico. *Uma breve história das mentiras fascistas*. Tradução por Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2020.

Foucault, Michel. *Introduction to the nonfascist life*. Preface. In: Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Anti-Edipus: capitalism and schizophrenia*. Translated from the French by Robert Huxley, Mark Seem and Helen R. Lane: Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

Harvey, David. *A loucura da razão econômica*. Marx e o capital no século XXI. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.

Hur, Domenico Uhg. *Psicologia, política e esquizoanálise*. 2. Ed. Campinas: Alínea, 2019.

Klein, Naomi. *A Doutrina do Choque*. A ascensão do capitalismo de desastre. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Lazzarato, Maurizio. *Fascismo ou revolução?* O neoliberalismo em chave estratégica. Tradução de Takashi Wakamatsu e Fernando Scheibe. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

Lipovetsky, Gilles; Serroy, Jean. *A estetização do mundo*. Viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Lipovetsky, Gilles. *O império do efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Loveluck, Benjamin. *Redes, liberdades e controle*. Uma genealogia política da internet. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2018.

Machado, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: Souza, Joyce; Avelino, Rodolfo; Silveira, Sérgio Amadeu da. *A sociedade do controle*. Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018.

Marcuse, Herbert. *O homem unidimensional*. Estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Tradução por Robespierre de Oliveira, Déborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

Mariátegui, José Carlos. *As origens do Fascismo*. Tradução de Luiz Bernardo Pericá. São Paulo: Alameda, 2010.

Mayer-Schonberger, Viktor; Cukier, Kenneth. *Big Data: A Revolution that will transform how we live, work, and think*. Eamon Dolan: Boston; Houghton Mifflin Harcourt: New York, 2013.

Mello, Patrícia Campos. *A máquina do ódio*. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Mendes, Alexandre. *Vertigens de Junho*: os levantes de 2013 e a insistência de uma nova percepção. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

Milza, Pierre; Berstein, Serge. *Storia del Fascismo*. Da Piazza San Sepolcro a Piazzale Loreto. 2. ed. Milano: BUR, 2009.

Mounk, Yasha. *O povo contra a democracia*: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. Tradução de Débora Landsberg e Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Morozov, Evgeny. *Big Tech*. A ascensão dos dados e a morte da política. Tradução por Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Pinheiro-Machado, Rosana; Freixo, Adriano de (Orgs.). *Brasil em transe*. Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

Reich, Wilhelm. *Psicologia de massa do Fascismo*. Tradução de J. Silva Dias. Porto: Escorpião, 1974.

Rouvroy, Antoinette; Berns, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? *Revista EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 18, n 2, p. 36-56. 2015.

Rosa, Pablo Ornelas. *Fascismo tropical: Uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*. Vitória: Milfontes, 2019.

Saad Filho, Alfredo; Moraes, Lecio. *Brasil. Neoliberalismo Versus Democracia*. São Paulo: Boitempo, 2018.

Salvemini, Gaetano. *Le origini del fascismo in Itália*. Lezioni di Havard. 2. ed. Milano: Feltrinelli Editore, 2018.

Santini, R. et al. A militância forjada dos bots: A campanha municipal de 2016 como laboratório eleitoral. *Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF*, v. 15, n. 1, p. 124-142, jan/abr. 2021 DOI 10.34019/1981-4070.2021.v15.29086

Santini, R. et al. O “Tipping Point” dos protestos de junho de 2013 no Brasil: uma análise do papel das velhas e das novas mídias na política hoje. In: *VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA)*. 2015. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Disponível em < <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT5-Santini-et-al.pdf>>. Acesso em 15.ago.2019.

Silveira, Jorge Amadeu. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: Souza, Joyce; Avelino, Rodolfo; Silveira, Sérgio Amadeu da. *A sociedade do controle*. Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018.

Stanley, Jason. *Como funciona o fascismo*. A política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: LP&M, 2018.

Solano, Esther (org.). *O Ódio como Política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

Vercelli, Claudio. *Neofascismi*. Torino: Edizioni del Capricorno, 2018.

Zunino, Pier Giorgio. *L'ideologia del Fascismo*. Miti, Credenze, Valori. Bologna: Il Mulino, 2013.

Recebido: 07 de abril de 2022

Aprovado: 12 de maio de 2022